

## **O desenvolvimento da sensibilidade estética na infância-uma história de vida**

Cristina Magalhães | crismag@ipb.pt

### **Resumo**

A comunicação “O desenvolvimento da sensibilidade estética na infância - uma história de vida”, representa o breve apontamento de uma infância vivida na primeira pessoa, numa aldeia isolada de Trás-os-Montes e pretende responder fundamentalmente a dois objectivos:

-Mostrar de que forma se experienciou e foi concebendo o mundo no seio de uma família essencialmente masculina.

-Reflectir sobre a forma como as vivências infantis influenciaram o desenvolvimento da sensibilidade estética.

Tornamo-nos mais frágeis quando falamos de nós, mas é por esta via que inevitavelmente me assumo como ré, testemunha e juiz da minha própria infância que, não sendo generalizável a outras infâncias, se constitui como ponto de partida para reflexão sobre o tema. Cada um de nós teve uma infância, um marco importante na existência.

Abri a gaveta da cómoda e algumas fotografias já amareladas pelo tempo espicaçaram as memórias que esse tempo não apagou. Foi o tempo da casa de colmo da avó, a chegada da Pantera Cor de Rosa a preto e branco, o tempo dos moinhos de água, o tempo das histórias de bruxas e lobos, o tempo de “carrar” água da fonte, apanhar batatas e bagos, o tempo de costurar e brincar, que fizeram desta infância uma existência feliz.

Ao longo da apresentação, o sentido que dou às palavras é o dos sentimentos e emoções que me ligam às imagens da infância, aos factos e aos acontecimentos, às pessoas e aos objectos, à vida e à terra. É desta forma que vou expondo uma face oculta que todos os dias crepita em mim, que me ajuda a conhecer melhor, que me anima e me permite entender que, pela via da identidade cultural e da realidade familiar vivida, a aprendizagem estética, componente natural e inata ao Homem, depende de todas as outras experiências de vida e de aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Identidade; Vivências infantis; Sensibilidade estética.

### **Abstrat**

The communication on "Aesthetics in childhood - a story of life," is the brief note of a childhood lived in first person, in a remote village in Trás-os-Montes and aims to answer two fundamental objectives:

-Show how it is experienced and has been designing the world within a family mainly male.

-Reflect on how childhood experiences influenced the development of aesthetic sensibility.

We become more fragile when it comes to us, but it is by this means that inevitably I assume as a defendant, witness and judge of my own childhood that are not generalizable to other childhoods, is constituted as a starting point for reflection on the subject. Each of us had a childhood, an important milestone in existence.

I opened the drawer of the dresser and some yellowing photographs have long prodded by memories that time has not erased. It was the time of the thatched house of his grandmother, the arrival of the Pink Panther black and white, the time of water mills, the time the stories of witches and wolves, the time of "car" spring water, pick potatoes and berries, the time to sew and play, that made this child a happy life.

Throughout the presentation, I felt that the words are the feelings and emotions that bind me to images of childhood, the facts and events, to persons and objects to life and land. This is how I expose a hidden face that every day crackles in me that helps me to know better, that encourages me and allows me to understand that the path of cultural identity and the family lived reality, learning aesthetics, natural component and innate to humans, depends on all the other life experiences and learning.

**KEY WORDS:** Identity; Workshops for children; aesthetic sensitivity.

## 1. “Cabaninha de palha”

*A casa onde nasci sempre a senti como uma “cabaninha de palha” muito quentinha e acolhedora. Coberta de colmo, situava-se a norte do largo do cruzeiro, ponto de encontro das quatro principais ruas da aldeia. Tinha vista para os montes e para o largo do cruzeiro. O torreão, o adro e a igreja ficavam do outro lado da rua, a nascente. Descendo essa rua havia o rego, levada de água que dava de beber ao gado que vinha das terras e lameiros e que era guardado durante todo o dia pelos homens. As mulheres lavavam roupas, cueiros e trapos no lavadouro do rego. No rego enchiam-se também os caldeiros de água que as mulheres punham a ferver ao lume com cascas para “dar de comer aos porcos” no curral. Passava-se o cobradouro do rego e ao fundo da calçada havia uma fonte de pedra que brotava água límpida, fresca e saborosa, onde as mulheres e as crianças colhiam cântaros e jarricas de água que levavam, calçada acima, para casa.*



Fig. 1 – “Cabaninha de palha”

*Aquela “cabaninha de palha” era ladeada por outras casas e muito perto dali havia pequenas hortas, lameiros e campos de cultivo com ramadas altas em toda a volta. Representava o coração de um lugar onde, todas as noites se esperavam os vizinhos para cumprir o ritual do serão. Na cozinha, sentados nos grandes escanos e nos mochos à volta do fogareiro, os adultos contavam histórias de bruxas, lobos e fadas. Esta verdadeira hora do conto ajudou a cultivar um imaginário colectivo, uma referência cultural que nunca se desvaneceu no tempo da minha memória.*

*Éramos quinze os membros da família até nos mudarmos para a nossa casa nova. Nunca cortámos os laços que nos uniam à família e à “cabaninha de palha”.*

*As relações plenas de calor humano e uma ligação muito forte à natureza marcaram definitivamente uma infância feliz. Como criança e como mulher cresci com essas primeiras paisagens que me ligam inevitavelmente às raízes.*

Todos nós sabemos que é na família, primeiro núcleo educativo da criança, que esta realiza as suas primeiras experiências de socialização e de aprendizagem. Na família, a criança situa-se, desvenda-se, aprofunda-se e manifesta-se. É na família que ela aprende a ser, a estar e a olhar. É na família que ela vai assumindo a capacidade de se relativizar. E todos,

aqui, no seio desta família, aprendemos a relativizar-nos. Podemos dizer que a criança “faz-se” na família, porque é a família quem mais cedo e mais tempo permanece em contacto com ela. Por isso, digo que a criança forma-se com essas primeiras paisagens: a casa onde viveu, a natureza e a riqueza relacional humana, a cultura que recebe do meio e dos adultos mais significativos das suas vidas.



Fig. 2 – A minha família.

*As tarefas de homens e mulheres estavam perfeitamente definidas. A avó, esse colo infinitamente terno que nada pedia em troca, geria a casa e atribuía tarefas, negociava na taberna/mercearia, pagava as jeiras aos homens e às mulheres que trabalhavam a terra e dava de comer aos pobres que não tinham pão. Todos os dias a sagrada sopa do pote feita pela avó se estendia em malgas que salpicavam a comprida mesa que todos os dias descia sobre os dois compridos escanos. Quinzenalmente, a avó cozia a broa de milho e centeio no forno do povo. O cheiro intenso da amassada e da cozedura entranhava-se no corpo e na alma. O meu tio orientava o trabalho nas terras e no talho; a minha tia ajudava na lide de casa e cuidava das crianças; a minha mãe lavava a roupa, servia as refeições, cuidava das crianças e pouco tempo já lhe restava para a costura. O meu pai trabalhava longe de casa, regressava ao fim-de-semana e trazia bolas e carrinhos para mim e para os meus irmãos. Nós, as crianças, acompanhávamos todas estas lides diárias e tratávamos de ser felizes no jogo e nas brincadeiras.*

Citando uma expressão de Émile Benveniste podemos dizer que “cultura é um conjunto muito complexo de representações organizadas por um código de relações e de valores: tradições, leis, política, ética, artes, tudo aquilo de que o homem desde que nasce é impregnado na sua consciência mais profunda e que dirige o seu comportamento em todas as formas de actividade.”.

De facto, o espaço sócio-cultural em que vivemos influencia e dirige o nosso comportamento, no seio das actividades lúdicas ou utilitárias, intelectuais e afectivas características de determinada família, povo ou sociedade.

Essas formas de actividade são também convenções sociais partilhadas e assumidas localmente e na família, pressupondo a divisão do trabalho doméstico e agrícola.

No seio do grupo social descrito, a natureza feminina liga-se ao trabalho doméstico ou

mais próximo da casa: na horta, na fonte, no rego, na corte, no combarro ou no curral. A natureza masculina liga-se às tarefas mais pesadas: roçar mato, ir à lenha, lavrar, malhar o pão, fazer meroucas e aplicar pesticidas. Ao homem são atribuídas tarefas de maior prestígio, que exigem mais força e conhecimento especializado.

Esta divisão de tarefas parece algo de inevitável, algo que faz parte da cultura do povo, algo que marca a existência de homens e de mulheres. Representa uma resposta às necessidades do Homem, reguladas por ideias, crenças, costumes e tradições.

O ditado popular “A mulher em casa, o homem na praça”, corresponde bem a um padrão estereotipado que vai sendo transmitido de geração em geração.

Sem dúvida que os costumes do ambiente em que nascemos moldam a nossa experiência e a nossa conduta. O papel dos pais torna-se fundamental como primeiro modelo de identificação e como parceiro para a sensibilidade e carácter da criança que, como nos diz Mauco (1986:10). “(...) depende dos dois pólos que o pai e a mãe constituem. A virilidade do primeiro, diz Mauco, a feminilidade da segunda são tão indispensáveis ao seu desenvolvimento psíquico como a alimentação para o seu corpo.”.

O meu olhar de adulta sobre a criança que fui leva-me a questionar sobre as características da personalidade condicionadas pelo meio familiar e cultural.

Vivi no seio de uma família essencialmente masculina que me permitiu desenvolver sentimentos de rejeição em relação a esses estereótipos que dia-a-dia “parecem” subtrair-se numa sociedade em que o papel das mulheres tem vindo cada vez mais a modificar-se e a afirmar-se.

## 2. O jogo em grupo

*A convivência com os meus irmãos permitiu-me a competição em equipa e a experimentação de sentimentos fortes de aventura, fantasia e magia. A aquisição de comportamentos imitativos nas brincadeiras tidas para rapazes levou-me a ser apelidada de ‘Maria Rapaz’, expressão que, por sinal, eu adorava por desejar profundamente ser igual a eles. O jogo do espeto, o jogo do pião, o jogo do ruja, o jogo da mangueira, as escondidas, o bicho vivo, o escorrega no palheiro, as construções na terra (estradas, bolos, etc.) e o brincar com as bolas e carrinhos eram verdadeiros desafios para mim. O conceito de jogos para rapazes e raparigas existia apenas na cabeça*



Fig. 3 – O grupo das brincadeiras.

*dos adultos, não na minha. Esse sentido de competição e de aventura influenciou a minha maneira de ver o mundo, ajudaram-me a crescer, a aprender a resolver problemas e até a espantar os medos. Eu imitava os meus irmãos e a certa altura da minha vida queria mesmo ser rapaz, questionando-me porque tinha eu de ser diferente deles, se ser igual era tão bom.*

### **3. Uma boneca “cor de carne”**

Pickard (1965:136) diz-nos que “a infância é a época mais adaptativa de todo o mundo e quanto menor a criança, maior a adaptação.”.

Sabemos que as crianças imitam os adultos através dos jogos que fazem por necessidade inconsciente de ampliarem o “eu” e a sua auto-imagem. Cabral (1991:27), refere também que “a criança imita os mais velhos, joga e transfere para o jogo a necessidade de se afirmar, de mostrar que também sabe o que é que quer, isto é, que também tem personalidade.”. Essa transferência evidencia a necessidade de afirmação do “eu”, transforma uma actividade séria numa actividade lúdica, conjugando-se também com a imitação.

*Um dia a minha mãe ofereceu--me uma boneca de plástico “cor de carne”. Não media mais do que 15 cm. Foi a única boneca que tive em toda a minha vida. Aprendi a brincar com ela e a descobri-la. E até ao início da puberdade costurei para ela todo o tipo de vestuário com os restos de roupas velhas que a minha mãe guardava na arca verde de lata. Lembro-me de protagonizar essa brincadeira sozinha. A actividade de costureira que a minha mãe voltara a ter foi por mim transferida para a boneca. Ao sexo feminino fui dando, nesta actividade lúdica, um sentimento de plena pertença.*

Fui crescendo com o sentimento e o pensamento de ser capaz de realizar determinadas tarefas. Essas sim, social e culturalmente tidas para as mulheres! *A minha mãe acedia ao meu pedido colocava-me um banco para eu poder lavar a loiça e deitava-me água numa bacia para eu ir lavando as peças de roupa mais pequenas.*

*A identificação com a minha mãe e com o sexo feminino traduziu-se nessa imitação, na procura inconsciente de ampliar o “eu”.*

*Nunca me abandonou o contágio que a relação com os meus irmãos provocou no “eu” feminino. Sem eles a experimentação e concepção do mundo teria sido bem diferente, talvez não me tivesse tornado tão aventureira na aceitação dos desafios. Com “os rapazes” aprendi a saltar fragas e ribeiros, aprendi a pescar, a nadar, a jogar à bola e ao pião, a andar de trenó e a apanhar ervas e cogumelos.*

#### 4. Os tempos e os espaços de jogo

*O tempo, o espaço e a disponibilidade dos adultos eram intermináveis, contrariamente ao que hoje acontece na maior parte dos quotidianos das cidades. O tempo do paralelepípedo onde as imagens passavam a preto e branco e onde o Vasco Granja apresentava a tão famosa pantera cor-de-rosa, ainda não tinha chegado. Durante o dia brincávamos. À noite, em ambiente doméstico, ouvíamos as histórias de lobos, lobisomens e bruxas contadas pelos mais velhos ao serão à luz da candeia.*



Fig. 4 – Brincadeiras na terra.

*O espaço físico em que vivi proporcionou-me o contacto com a natureza, com as pedras, com os paus, com animais e bichos, brincar ao ar livre, no adro da igreja, na quelha, nas árvores, no rego, na neve, nos lameiros, nos palheiros, nos combarros,... Os prazeres decorrentes dessas actividades gratuitas e espontâneas levavam-nos a construir, por exemplo, moinhos de água com os juncos da fonte, a fazer barcos de lata de sardinha que navegavam no rego, a criar trenós de madeira velha, a criar casas de pedra nas touças e lameiros. Serenar num lameiro e inventar brinquedos representavam sentimentos únicos de deleite e descoberta que contribuíram inequivocamente para o desenvolvimento de um saber ser, estar e fazer livre que hoje vai perpassando a forma como olhamos, fruímos e experienciamos o mundo.*



Fig. 5 – O baloiço no adro da igreja.

Brincar é uma actividade que desenvolve o corpo, a afectividade, a inteligência, a criatividade e a sensibilidade. Pelo jogo passam processos essenciais de desenvolvimento de destrezas motoras, aptidões que levam à descoberta do mundo, das coisas, das pessoas. Levam ao equilíbrio pessoal, à estruturação do pensamento, à formação do comportamento, à socialização, na descoberta do que somos e do que os outros são. *Com os outros aprendo, revejo-me, situo-me e conheço-me.* Através do jogo interiorizam-se valores, resolvem-se problemas, espantam-se medos, aprende-se a ver, a fazer, a conhecer, a analisar, a dominar e a partilhar.

## 5. A sensibilidade estética na infância

Esses espaços e tempos de jogo, essa interiorização de experiências ao longo dos anos, permitiram-nos uma certa fruição estética. As experiências estético-sensoriais ligadas às actividades lúdicas e expressivas contribuíram para desenvolver a sensibilidade, a fantasia, a criatividade e a imaginação.

Habituei-me a dizer “*a casa onde nasci é bonita*” ou “*os montes são lindos*” e posso reconhecer que estas expressões exprimem também elas juízos estéticos. Embora estas coisas belas (para mim) não sejam arte, representam lugares de profunda pertença onde as pessoas, as coisas e a natureza habitam. Representam sensações, sentimentos e emoções



Fig. 6 – Os espaços do jogo.

poéticas que agradam aos meus sentidos e atingem a minha sensibilidade. A busca da estética do dia-a-dia foi, no meu entender e ao longo dos anos, um acto inconsciente de procura do belo, de procura do verdadeiro sentido da vida.

Estas manifestações foram mais condicionadas, a meu ver, pela acção do meio familiar



Fig. 7 – Cantando “Sou cigana”.

do que pela escola, onde predominava o ensino teórico. Se, por um lado, os afectos da família tenderam a enriquecer de forma particular essas manifestações estéticas, por outro, a escola muito poucas vezes as encorajou.

*O meu pai foi o grande estímulo. Em casa organizávamos corridas ao minuto, campeonatos de xadrez e festivais da canção. No grupo, em ambiente doméstico, cada um cantava à vez uma canção que não podia voltar a ser repetida, caso contrário era excluído do festival.* Desta forma o pai estimulava o sentido da competição, da memória e da atenção.

*Regularmente, o meu pai chamava-me ao “quarto dos relógios”, proibido às crianças, para o ajudar (dizia ele) a pegar nas minúsculas peças. Enquanto via o meu pai mexer cirurgicamente naquelas minúsculas peças, ficávamos os dois interminavelmente à conversa acerca do mundo, até que a minha mãe me chamasse para pôr a a mesa. Eu desejava que este momento não chegasse nunca porque passar de uma visão estética a outra não me agradava. O “quarto dos relógios” representava um mundo de descobertas. Quando*

*um dia “os cinco” fomos apanhados a mexer na relojoaria do quarto proibido faltou-nos a respiração... e o meu pai apenas nos ralhou a rir com o seu jeito simples, bem disposto e afável que sempre conseguiu contagiar-nos. Aceitando e acolhendo as suas reacções, sentimentos e interesses, auxiliou de forma importante o desenvolvimento da nossa experiência estética. Com as suas mãos, com a sua voz, com o seu corpo e com a sua alma levou longe as respostas que procurávamos, ensinou-nos, desde pequeninos, a ver a “luz pela fina fresta” (Paula Rego, 2008:36).*

*A memória traz-me também à lembrança as noites de Natal em que nos sentávamos à volta da lareira com o pau de Natal a arder e o meu pai nos cantava a canção “Eu Hei-de Dar ao Menino”, balançando-me nas suas pernas. A minha mãe, na manhã de Natal, lá ia acordar-nos de mansinho: “Acordai meninos! Olhem o que o Menino Jesus aqui vos deixou dentro de uma cesta!”. Para cada um, uma laranja, um lenço da mão e um chocolate. A laranja e o chocolate guardávamos até não resistir à primeira trincadela, com o lenço da mão fazíamos o origami do coelhinho que os mais velhos ensinavam.*

*Ocasionalmente vemos uma criança cansada e com os olhos arregalados devido ao excesso de sugestivos presentes de Natal. Abre-os e desinteressa-se com facilidade. Depois é capaz de se recolher à sua cama com um brinquedo bastante usado porque o sentimento de propriedade leva tempo a formar-se em nós.*

*Os meus olhos arregalavam-se com uma simples laranja, um chocolate e um lenço da mão que enquanto fui pequena recebi do Menino Jesus. Esta repetição anual ajudou-me a formar um grande sentimento de pertença, de tal forma que a beleza e a simplicidade dessa oferta perduram ainda nos meus sentidos. Para longe se transporta o meu imaginário quando estou perante essas coisas reais, agora tão banais na nossa sociedade de consumo.*

### **Considerações finais**

Neste breve apontamento da minha infância fico com a sensação de que o que não foi dito cabe no dito porque hoje me continuo a apropriar esteticamente desse lugar guardado no segredo de uma infância feliz. A infância é um mundo que todos devemos descobrir, respeitar e preservar.

Devo dizer que o caminho que escolhi para mim própria tem muito daquilo que foi a minha infância, da qual nunca me poderei despegar. Hoje, com o olhar adulto sobre a criança que fui, continuo a rever-me, a aprofundar-me e a relativizar-me no seio do mundo que vivenciei e concebi na infância tirando os contributos para o desenvolvimento da minha sensibilidade estética.

Lembrando agora as palavras de Santos (1993:9) “o segredo da infância é a

disponibilidade para o jogo. O segredo do homem (...) é a própria infância...". Acrescento, o que poderá ser também discutível: um adulto feliz, teve uma infância feliz?

Todas as experiências e vivências apresentadas foram-se aperfeiçoando de uma forma crescente através da minha existência, que foi manifestando o seu mundo interior em virtude da sua relação com o exterior. O passado ajudou-me a construí-las e hoje em dia auxiliam-me a sentir a repetição de temas nas produções artísticas. Reconheço que o meu desenvolvimento estético foi auxiliado por um ambiente familiar, social e cultural de quietude e segurança, espicaçado por irmãos que me ensinaram o que é o sentido da cooperação e por pais livres de bloqueios e atentos na decorrência de estímulos auto-determinados e bem intencionados. Desta forma, todos me ajudaram a conduzir, ao longo da vida, para experiências importantes. Estou em condições de afirmar que a natureza e a família foram os pilares para a saúde das minhas faculdades estéticas e criadoras. Foi a riqueza de um lugar associada à grandeza do ser humano que o habita que contribuiu para a construção de um processo pedagógico que ajudou a minha experiência estética a enraizar-se como uma planta na fenda de uma fraga.

### **Referências bibliográficas**

Apple, M. W. (1997). *Os professores e o currículo: Abordagens sociológicas*. Lisboa: Educa.

Cabral, António (1991). *Jogos populares infantis*. Porto: Editorial Domingos Barreira.

Mauco, Georges (1986). *Educação da sensibilidade da criança, ensaio sobre a evolução da vida afectiva*. Psicologia e pedagogia. Lisboa: Moraes Editores.

Pickard, P. M. (1965). "A criança aprende brincando". In *enciclopédia do pai e do educador moderno*, Vol. II. S. Paulo: Ibrasa – Instituição Brasileira de Difusão Cultural.

Sá, I. (2002). O desenvolvimento da compreensão e regulação das emoções, pp. 7 – 16. In *educação emocional*. Cadernos de criatividade, N.º 4. Lisboa: Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade.

Santos, A. (1993). "Tempo livre tempo de brincar, tempo de crescer" In *cadernos de educação de infância*, N.º 25, pp. 6 - 9. Janeiro-Fevereiro-Março 1993. Porto: Edição da A.P.E.I.

Rego, P. (2008). "Na cultura, artes e espectáculos, a arte de criar". In *revista azul*. N.º 33, Ano V, pp. 32 – 37. Lisboa: Caixa Geral de Depósitos.